



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 28 DE SETEMBRO DE 1995

Senhor Ministro de Estado da Agricultura, Dr. José Eduardo de Andrade Vieira; Senhores Ministros; Senhor Senador Artur da Távola; Senhor Senador Teotônio Vilela Filho; Senhores Deputados; Senhor Deputado Alcides Roberto, Presidente da Comissão de Agricultura; Senhor Presidente da Contag, meu companheiro Urbano; Senhores Parlamentares em geral; Doutor Francisco Graziano; Senhor Brazílio de Araújo Neto; Senhores Líderes Rurais; Senhoras e Senhores;

Esta transmissão de cargo, esta posse que hoje se realiza aqui tem, para mim, um significado muito especial. Porque, como disse o Francisco Graziano, ele agora terá uma tarefa talvez mais difícil que a de reorganizar minha agenda. Os deputados que o digam.

Mas isso significa, também, que eu, de certa maneira, perco um colaborador direto, que há tantos anos me tem ajudado nessas caminhadas da vida política e que tem sido de uma lealdade permanente, de um tato muito grande. Certamente mostrará agora, ao assumir a responsabilidade do Incra, como essas suas qualidades vão permitir que nós caminhemos em uníssono com a vontade nacional e com a vontade do Governo, de uma maneira mais próxima a mim.

Certamente, é uma tarefa espinhosa, como o próprio Francisco Graciano disse, como sabem muito bem o Dr. Brazílio e o Ministro José Eduardo de Andrade Vieira. E quero dizer o seguinte: se Francisco Graciano pode, hoje, afirmar aqui, com essa ousadia que me anima, que vamos assentar, é porque houve um trabalho prévio, é porque nós já temos um estoque de terras, sem o qual não seria possível fazer nada.

Muitas vezes se pensa que se trata apenas de assentar os que estão à beira das estradas e os que estão em acampamentos. É verdade. Mas é preciso que haja condições para assentamento, e isso requer muito trabalho anterior.

Quero louvar o Dr. Brazílio pelo trabalho que fez. Quero agradecer-lhe. Não é o momento de citarmos números, mas nós, nesses meses, assentamos mais famílias do que nos dois últimos anos. São dados simples. Não são suficientes, nada é suficiente para o Brasil. Eu sempre digo que no Brasil tudo precisa de muitos zeros.

Quando se assentar 280 mil famílias, vão dizer: "Meu Deus, são não sei quantos milhões!" E, aí, os milhões, na nossa imaginação, que é mais fértil do que os zeros reais, aumentarão sempre numa proporção que fica difícil de atingir.

Mas eu creio que isso é possível por causa desse esforço que vem sendo feito há algum tempo e que continuará a ser feito. Continuará a ser feito, e isso é marca, talvez, quase até pessoal, do estilo nosso. E o Chico partilha desse mesmo estilo, o Eduardo também. Nós somos pessoas do diálogo.

O diálogo requer, naturalmente, o reconhecimento da diversidade, da diferença do outro e o respeito – o respeito à lei e o respeito às posições de cada um. Não há diálogo sem essas pré-condições. Dentro delas, nós estamos absolutamente abertos a conversar com todos os setores do País que estão interessados na democratização do acesso à terra. Isso é condição necessária, sobretudo neste momento em que o Brasil sacudiu a poeira, mudou de um país que tinha medo e que não sabia qual era o seu rumo, e que agora não tem medo. Estamos vivendo numa democracia, sabemos qual é o rumo. Então, é natural que nós todos agora possamos nos comprometer nesse diálogo. Com responsabilidade.

E eu até aproveitaria a oportunidade – e tenho certeza de que o Ministro José Eduardo partilha do que eu vou dizer – para fazer um apelo por uma espécie de trégua. Não sei se, feliz ou infelizmente, os que já estamos aí na casa dos 60 anos – e, no meu caso, já vai quase à metade dos sessenta – nos recordamos de vários momentos da História, e os que não se recordam lêem. A radicalização não ajuda a ninguém, mas ela, no final, prejudica mais os que necessitam realmente do apoio, os mais pobres. A História está cheia de exemplos disso.

As bravatas, meu Deus, para que servem? Talvez a uma glória momentânea de um líder que, às vezes, não é líder de nada, é líder só no momento em que saiu a fotografia. E, depois, o problema continua intacto.

O que resolve é o trabalho. O que resolve é a perseverança. O que resolve é a boa-fé. O que resolve, realmente, é a crença de que é possível mudar as coisas. E isso nós temos. Isso o Chico Graziano tem de sobra. Demonstrou-o nos seus trabalhos acadêmicos, nas suas posturas durante os seus anos de vida política. E é com essa boa vontade, com essa atitude aberta que nós enfrentaremos, como já vimos enfrentando, os problemas, que estão aí pela nossa frente.

Mas, para isso, nós precisamos de uma trégua. Trégua não quer dizer que as pessoas deixem de exigir, não quer dizer que as pessoas não reclamem, não quer dizer que as pessoas não exponham seus pontos de vista, mas quer dizer que as pessoas passam a aceitar que o outro, o interlocutor, não está de má-fé, está tentando também dialogar. Pode estar até equivocado, aí depende do julgamento, e é recíproco. Mas não pode haver a prevenção como ponto de partida.

Eu apelo a isso, a um espírito de harmonia, se posso assim dizer, de desarmar os espíritos para que possamos realmente trabalhar com mais afinco pelos objetivos que são partilhados. É claro que não se vai resolver todos os problemas, nem de posse de terra, nem os agrícolas, só com a questão dos assentamentos. É claro que existe toda a questão da agricultura familiar, existe a questão dos bôia-frias, existe a questão dos juros da agricultura, existe a questão da securitização – que nós estamos trabalhando duramente para, o quanto antes, podermos anunciar a ao País, com alívio, para que essas

pessoas possam ir plantar agora, enquanto é tempo de aumentar a área plantada. Existem muitas questões.

De alguma forma, neste momento, do ponto de vista social, é simbólica a preocupação de todo o País pela questão do assentamento rural. É que nós chegamos a esse estágio de maturidade da sociedade brasileira que passa a ser inaceitável ter, à beira das estradas, pessoas que estão acampadas, havendo terra disponível – porque há.

Então, é para isso que o Graziano está convocado. E eu, ao reafirmar meu agradecimento ao Dr. Brazílio, quero dizer que ele vai prestar uma colaboração muito importante em outra área, mais fácil talvez, quem sabe, mas vital para o Brasil também, que é em Itaipu.

Com esse espírito, acho que não podemos nos dar ao luxo, no Brasil, de perder valores. Nós não podemos nos dar ao luxo de achar que, quando um substitui o outro é porque o outro... Não. São momentos, são maneiras de ver, são processos, mas onde todos temos que nos dar as mãos. Se nós não fizermos isso, não estaremos à altura do desafio histórico que está áí pela frente.

E tenho certeza, talvez porque, como eu vim da campanha com um símbolo da mão espalmada, tenho certeza de que agora, quem sabe, seja a hora da mão unida. E é para isso que nós estamos aqui, dando posse ao Francisco Graziano, e é isso que eu espero daqueles que têm liderança, no setor rural, dos Deputados, do Presidente da Comissão, do Presidente da Contag, dos sem-terra, a quem já recebi algumas vezes aqui, que hoje mesmo mandaram uma carta aberta, muito simpática, reagindo, dizendo, reclamando, mas dispostos ao diálogo. É com esse espírito que tenho certeza de que nós vamos, sim, chegar lá, aos números, se não aos meus, a esses mais inchados, do Francisco Graziano – e eu tenho a impressão de que ele se inspirou no José Eduardo, que gosta de levar para a frente as coisas com maior volume.

Tenho certeza de que, com esse espírito, vamos conseguir fazer o que o País todo espera de nós e, sobretudo, o que aqueles que precisam de assentamento esperam da sociedade e do Governo.

Muito obrigado.